

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

The 'common good' and economics

Ricardo Crespo

We hear a lot about 'common good'. However, if we analyse the different references of this expression we realise that there is not a unique meaning for it: we conclude that it is an equivocal expression. In this paper I adopt what I termed the 'classical notion of the common good'. It has its roots in Aristotle, it was picked up and developed by St. Thomas Aquinas, and diffusively used in the last centuries. The paper develops the specific meaning of common good in the Aristotelian-Thomistic tradition. First, it introduces its origins in Aristotle. Then, it explains Aquinas' developments. Third, it addresses the different meanings of common good of the twentieth century, showing the problems of the 'deviations' from this theory, particularly focusing on liberalism. Given that the classical version of the common good implies an anthropological position and a theory of the good, the paper extracts them from Aristotle's works. Then, the paper deduces from the previous conclusions the requirements of the common good for a social and economic policy. Formerly, the paper highlights the shortcomings of economics of happiness and of the capability approach from the point of view of the common good. Looking for the common good would result in policies really conducting to human flourishing.

Ética, ontologia e ideologia na história do pensamento económico: uma panorâmica crítica

Alexandre Abreu

Da optimalidade paretiana à contemporânea economia da felicidade, passando pela emancipação da alienação por via da superação da sociedade de classes em Marx, pelo critério rawlsiano de justiça ou pela teoria das capacidades de Sen, a teorização da relação entre a organização social da produção, a distribuição/apropriação do produto social, a ética e o bem-estar social tem ocupado um lugar secundário mas ubíquo ao longo da história do pensamento económico moderno. Esta comunicação procurará assinalar e discutir criticamente alguns dos momentos e propostas mais influentes que marcaram e marcam este debate, à luz dos respectivos fundamentos ontológicos e ideológicos.

Bem comum e limites dos mercados depois do neoliberalismo

João Rodrigues

Esta comunicação pretende explorar as implicações da noção de bem comum para a reflexão crítica, em curso nos campos da economia política e moral, sobre os limites dos mercados e sobre as virtudes de uma economia plural que possa superar o dominante senso comum neoliberal e a sua estreita noção de comunidade. A noção de bem comum remete para a possibilidade de existirem um conjunto de condições que permitam sustentar uma comunidade política que toma o florescimento das capacidades individuais, o multifacetado processo de desenvolvimento integral da pessoa humana, como seu objetivo primacial. Uma das implicações de se levar a sério esta noção do ponto de vista institucional é a de reconhecer que os mercados, nas suas múltiplas configurações, não devem ser mais do que um apêndice útil, mas subordinado da vida social, isto para retomar os termos forjados por Karl Polanyi, um dos economistas políticos e morais que mobilizaremos para explorar esta questão. Trata-se, neste contexto de mostrar que os mercados devem ser severamente limitados ou abolidos sempre que a compulsão e a corrupção que lhes podem estar associadas geram uma toxicidade ameaçadora de valores que integram a noção de bem comum. Trata-se também de pensar a economia como um diversificado conjunto articulado de princípios de provisão que devem ser avaliados precisamente pela forma como ajudam a garantir as condições institucionais para a realização dos fins que concretizam a noção de bem comum.